

## HAXIXE: FUGA, EXPERIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Sebastián Torterola Antelo (UERJ)

Mestre em Literatura Comparada

storterola@gmail.com

### Resumo:

O que significa ter uma experiência? A primeira vez que o escritor uruguaio Horacio Quiroga usa haxixe, confronta-se com o horror e a morte. O uso ancestral dessas substâncias, principalmente ritual, terapêutico e coletivo, contrasta com o experimento científico, urbano e individual de Quiroga. O trabalho se serve dos argumentos de Baudelaire e Freud sobre substâncias tóxicas, para analisar a ambivalência dominante na experiência: uma combinação de êxtase e morte em um contexto de dissolução do sujeito. Mas a experiência não se limita à fuga: Quiroga acessa um conhecimento de uma nova realidade antes oculta, e sai da experiência transformado.

Palavras-chave: haxixe, fuga, transformação, experiência, enteógeno

Em 1900, o escritor uruguaio Horacio Quiroga, decide provar haxixe pela primeira vez. O resultado da experiência, acontecida em Montevideú, aparece descrito em "El haschich"<sup>1</sup>, breve e pormenorizada narração do autor sobre a experiência de treze horas (das 15:30 às 4:30 horas) sob o efeito da substância. Na época, Quiroga tinha vinte anos.

O autor está emocionado pela oportunidade, a qual se torna realidade graças a um amigo farmacêutico "decidido", que lhe proporciona, primeiro, "dos píldoras del extracto graso (0,10 centigramos cada una)". Depois, devido à ausência dos efeitos desejados (ou a uma ansiedade desmedida), ele faz "preparar dos nuevas bolillas de 0,50 gramos cada una", após prometer ao seu "sensato amigo" que iria tomar somente uma. "Pero como yo estaba más que dudoso de su eficacia, lo primero que hice en llegando al cuarto fue tomar las dos píldoras de golpe. 1 gramo que, agregado a los 0,20 de la hora anterior, hacía en total 1,20 de haschich en forma de extracto graso de cáñamo índico" (p. 866), confessa Quiroga.

"Haxixe" é um termo árabe que significa "erva seca", empregado por Quiroga como "haschich"; hoje a grafia mais comum em espanhol é "hachís". É obtido a partir da resina do cânhamo ou cannabis. A planta produz vários tipos de substâncias psicoativas

---

<sup>1</sup> QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. Edición crítica, Napoleón Baccino Ponce de León y Jorge Lafforgue, coordinadores, 2ª Ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo, Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. p. 865-868.

denominadas canabinoides, como o tetra-hidrocanabinol (THC), os quais têm efeitos visionários. O haxixe é muito consumido atualmente, sendo habitualmente fumado. Os árabes costumavam fazer doces a base de haxixe para acompanhar o café. Aparentemente, no Uruguai de 1900 só era possível achá-lo em forma de pílulas de extrato gorduroso.

O autor empreende uma aventura interna cuja intensidade resume na primeira linha do texto: "me colocou de frente para a morte" (p. 865). No entanto, as primeiras linhas dão conta das várias peripécias protagonizadas por Quiroga até poder, finalmente, sentir o efeito do haxixe. Vamos tentar identificar alguns aspectos relevantes desta história, protagonizada pelo jovem escritor e seu amigo, o estudante de medicina Alberto Brignole.

### *1.1. Ambivalência*

A natureza ambivalente se manifesta fortemente em vários aspectos do relato. Como determinantes dessa ambiguidade, podemos identificar fatores externos, referidos ao papel social da substância; e internos, referidos ao comportamento do escritor, que envolvem questões como o próprio sentido da vida humana e uma suposta depravação ou mal-estar inerente à vida e à cultura.

O principal fator externo determina a mistura de curiosidade e medo com que Quiroga se entrega ao experimento. É a reputação misteriosa do haxixe, que podemos comprovar no pedido que o amigo farmacêutico faz ao autor: máxima discrição. Tal fama é causada em parte pela falta de informação (a intenção de Quiroga é justamente compartilhar o relato para quem não sabe nada sobre a substância ou seus efeitos) e em parte pela origem não ocidental da substância. Muito comum na África muçulmana, no mundo árabe e na Índia, o cânhamo tem estado historicamente integrado às culturas nativas sob diversas formas, com usos tanto terapêuticos e médicos (é afrodisíaco, broncodilatador, apetente) como espirituais (veículo de meditação).

A ocupação desses territórios pelos europeus a partir da colonização teve como resultado sucessivas proibições de uso do cânhamo, sob o argumento de induzir excessos, delírios e loucura, e, em termos gerais, por constituir uma ameaça à integridade e à moralidade. Uma dessas proibições foi uma portaria emitida pelo então general Napoleão Bonaparte no Egito em 1800, cuja consequência mais saliente foi chamar a atenção (um aspecto bastante comum das proibições) dos franceses pelo enteógeno (ESCOHOTADO, 1998, p. 349). Nesse grupo se encontrava o médico Moreau de Tours, que levou o

*dawamesk*<sup>2</sup> para a França e lá formou o "Clube dos haschischiens", com sede no célebre Hotel Pimodan. O grupo era formado por Charles Baudelaire e outros integrantes da classe artística e intelectual parisiense, como Gautier, Delacroix, Nerval, Rimbaud, Hugo e Balzac. Moreau usou o fármaco em suas pesquisas psiquiátricas, e posteriormente sugeriu o uso do cânhamo para gerar "psicoses de laboratório", termo que também poderia ser aplicado ao depoimento de Quiroga.

A sombria reputação do haxixe é reforçada pela falta de informação da população da época, como aponta o escritor: "En estas tierras es muy raro hallarle; de aquí que yo recurriera simplemente al extracto de cannabis indica, base activa de la preparación" (p. 865). Quiroga recebe as pílulas na farmácia e sobe as escadas "de cuatro en cuatro" degraus. Um copo d'água faz o trabalho. Depois de duas horas, ainda nenhum efeito. O garoto perde a paciência e, cético, vai buscar mais, dobrando a dose. É o momento da fatalidade, sempre presente na vida do autor. O que o conduz a atravessar o limite do conhecido para um espaço que não controla?

### ***Gosto pelo infinito: o problema do sentido***

13:30 hs – *Até que enfim iria conhecer o haxixe!*

Quiroga explicita a sua experiência anterior com narcóticos como éter e ópio, todos elas avaliadas muito negativamente pelo autor. Sobre o hábito de utilizar clorofórmio, ele comenta: "Al principio lo respiraba para alucinarme gratamente, lo que conseguí por un tiempo; después me idiotizaba, concluyendo por no usarlo sino en insomnios; lo dejé" (p. 865). Com o haxixe não será diferente, mas a sua vontade de experimentação não diminui apesar das dificuldades. Nessa tensão, por um lado, o Quiroga racional afirma a inutilidade do uso sucessivo de substâncias inebriantes, que somente lhe trouxeram dificuldades. Por outro, existe o magnetismo de uma experiência desconhecida e singular, que estimula a curiosidade e a imaginação do jovem escritor de vinte anos. Uma experiência após outra, ele vai desbravando o novo mundo das substâncias inebriantes.

Outro elemento relevante é a influência exercida por Paris no início do século XX, aspecto determinante na formação de valores culturais e morais no Río de la Plata. Quiroga admira Charles Baudelaire, e ambos reverenciam Edgar Allan Poe. A comparação entre ambos, além do tom sombrio e instigante das suas produções literárias,

---

<sup>2</sup> Definido por Baudelaire como a mistura do extrato gorduroso do haxixe, açúcar e diversas fragrâncias tais como baunilha, pistache, amêndoa ou almíscar, habitualmente consumido com café.

também oferece vidas turbulentas e acidentadas, com uso intenso de fármacos alteradores do ânimo. Provavelmente o próprio texto de Quiroga fosse inspirado nas aventuras de Baudelaire em Paris.

Baudelaire se refere a esse misto magnetismo/aversão como o gosto pelo infinito. Por um lado, há a procura de um estado excepcional de espírito e uma lucidez plena; por outro, a depravação natural representada pelo vício. A possibilidade obter o paraíso "de um só golpe" (e de perdê-lo na manhã seguinte) propicia uma fuga obsessiva da realidade. Sobre o haxixe, o francês afirma que esse "veneno excitante" é um meio do espírito das trevas para subjugar a humanidade, causando-lhe o que ele denomina "devastação moral" (BAUDELAIRE, 1998, p. 13-17). Tal conclusão, porém, não provém de um ermitão que dedicou sua vida a zelar pela moral da sua época, mas de um boêmio que viveu essa dualidade em primeira pessoa.

Como poeta maldito, Baudelaire assumia plenamente a inexorável condição sofredora e contraditória da existência, ao invés de tentar maquiá-la nos bons costumes. Mas como lidar com este sofrimento constante que nos acompanhará até o fim da vida? Na tentativa de explicar o mal-estar na cultura, Sigmund Freud afirma que as "substâncias tóxicas" são um dos três principais recursos que a humanidade utiliza para suportar o sofrimento que é praticamente inerente à espécie. Na procura da felicidade, os indivíduos são guiados pelo princípio do prazer. Mas o pano de fundo dessa jornada é uma constante infelicidade que apenas permite manifestações "episódicas" de prazer intenso, porém efêmero, motivo pelo qual a vida transcorre sob a prioridade de evitar o sofrimento. Sofremos por causa do nosso corpo, condenado à decadência; do mundo exterior, que nos ameaça; e das relações sociais, sempre problemáticas. O próprio Baudelaire nos adverte:

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez  
Habitam nosso espírito e o corpo viciam,  
E adoráveis remorsos sempre nos saciam,  
Como o mendigo exhibe a sua sordidez.  
(BAUDELAIRE, 2012, p. 9)

Se esse for o preço do infinito, por que pagá-lo? Se acreditarmos, com Nietzsche, em que o único prazer do ser humano é causar dor, responderíamos que é por puro masoquismo. Em termos nietzschianos: *niilismo*. O problema vem, justamente, da enunciação de uma pergunta: por que sofremos?

Enquanto Freud explica o intrínseco desamparo humano em termos edípicos (a origem desse sentimento estaria relacionada a uma nostalgia pelo pai), Nietzsche afirma que este decorre do fato de sermos uma espécie doente, acostumada a introjetar o desejo (principalmente o instinto de dominação) que deveria ser exteriorizado de alguma forma. Assim, o motivo central de nosso permanente sofrimento é a atitude niilista de negação da vida, pois ao invés de aproveitar a nossa vontade de potência para viver intensamente, escolhemos ser parte do rebanho: um grupo social incapaz de criar valores, que adota o princípio ascético de autocontrole do corpo e das emoções como única forma possível de viver em sociedade.

Assim, quando reprimimos nossos instintos e desejos naturais, ficamos desorientados. Um ser assim se torna profundo, desenvolve o intelecto, é capaz de analisar variáveis, calcular o presente para planejar o futuro. O presente se coloca a serviço do futuro, mas o futuro nunca chega, está no horizonte. Cada objetivo alcançado se dissolve e é substituído por outro, e outro, e outro. O caminho se torna longo e cheio de obstáculos, e nos perguntamos qual é o sentido desse caminhar. Porque a vida deve ter um sentido: não estamos no mundo por acaso. Copérnico já mostrou que a terra não está no centro. Darwin já mostrou que os humanos estamos mais próximos dos macacos que de Deus. Freud já mostrou que nossos atos são antes governados pelo inconsciente que pela razão. Porém, continuamos acreditando que estamos no mundo porque temos uma missão extremamente relevante que cumprir. Mas o tempo passa e ela não chega.

Em termos nietzschianos, a procura do sentido, essa necessidade de preencher um vazio existencial, se agrava a partir da morte de Deus. Quando o homem assume o timão do seu destino, declarando a sua autonomia e livre-arbítrio, e estabelecendo suas próprias regras ao mundo, Deus é substituído pela ciência, suprema criação da razão, e pela própria história humana. Até então, e durante séculos, os motivos do sofrimento eram conjurados pelos sacerdotes das religiões monoteístas, que explicavam aos seus rebanhos de devotos: "Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – *somente você é culpada de si*" (NIETZSCHE, 2013, p. 117). Respeitando esse mandato, as abnegadas ovelhas suportavam a dor, pois a sua derradeira recompensa estaria esperando por elas no reino dos céus.

Porém, ao desprezar a religião e elevar o ser humano ao estatuto de criador e controlador das leis da natureza, a modernidade iria reinventar o problema do sentido da vida e do sofrimento.

Da modernidade em diante, diz Nietzsche, ocorre apenas um processo de secularização desse ideal ascético, que sobrevive em diversas formas de idealismo (democracia, ciência, ideologias, idolatrias) e é exercida por novos pastores (cientistas, historiadores, políticos). Todos estes idealismos postulam verdades absolutas e postergam a vida, oferecendo opções funcionais de sentido ao homem que continua sem se enfrentar a si mesmo e sem exercer a sua vontade de poder, sua energia vital.

O pano de fundo do relato de Quiroga é a realidade urbana rio-platense de inícios do século XX, caracterizada por um acentuado sentimento secular, de estima aos valores intelectuais e científicos e uma relativa indiferença com respeito à religião. Para um escritor jovem, no entanto, é provável que Montevidéu se apresentasse como cinza e estruturada, particularmente se comparada com Paris e seus bordéis, onde Baudelaire e sua trupe se lançavam à caça das "satisfações substitutivas" mencionadas por Freud.

Como afirmava o austríaco, a vida é árdua demais, não podemos dispensar medidas paliativas. Essa também é a opinião de quem já fosse considerado uma espécie de "papa psicodélico", Aldous Huxley:

"A vida da maioria dos homens e mulheres é, na pior das hipóteses, tão dolorosa, e, na melhor, tão monótona, pobre e limitada, que a vontade de escapar, o anseio de transcender a si mesmo, por poucos momentos que seja, é e sempre foi um dos principais apetites da alma" (HUXLEY, 2015, p. 36).

O jovem Quiroga está cheio de energia e quer expandir seus horizontes, por isso procura novas experiências que preencham esse anseio. Nessas condições, encontra o haxixe.

### *1.2. Contexto e transformação*

#### *23.00 hs – Via-me na cama, deitado e morrendo*

A experiência é terrível, o impacto é duro. E como negar que os momentos mais terríveis da vida são os que mais a modificam, deixando profundas marcas no sujeito?

Aquele escritor curioso procurou um novo estímulo que o tirasse da cidade cinza e o levasse a outro lugar. Ele queria criar o seu próprio mundo. Tal atitude o leva a se enfrentar ao desconhecido e "sair" para um espaço que não domina, que está fora do seu controle. E o pior de tudo: em vez de ter alguém para lhe guiar naquele mundo novo, um *baquiano*\* para guiar o forasteiro de si mesmo, Quiroga tem apenas um amigo fazendo

anotações médicas, que na sua visão expandida agora se apresenta como uma fera faminta.

O contexto é um elemento fundamental e determinante da experiência enteogênica. Para entender a situação de uma perspectiva histórica, vale a pena considerar uma distinção geral no contexto de uso destas plantas: ritual coletivo e individual urbano.

### **Uso ritual coletivo**

Durante milênios, o uso dos enteógeno ou plantas de poder esteve assimilado às práticas sociais de diversas culturas<sup>3</sup> a partir de uma função coletiva. São utilizados em rituais diversos, os quais podem ser individuais (o retiro de um xamã ou pajé para a floresta como uma fase de sua iniciação, como acontece na Amazônia brasileira, o que frequentemente inclui jejun) ou em grupo. Nestes últimos, as plantas podem ora ser usadas apenas pelo xamã, ora também por pessoas envolvidas na questão a ser tratada, ora por todos os presentes na cerimônia ou ritual. Mas a dimensão coletiva tem uma função social intrínseca no uso, que afeta a vida das pessoas de um modo geral: uma consulta oracular para tomar uma decisão coletiva, um tratamento físico-espiritual, um trance extático de celebração.

Nesse sentido, a figura central da pessoa que possui o conhecimento dos mistérios da planta, o guia da viagem, aparece como peça fundamental da empreitada pela realidade expandida. Como pode se esperar, esta figura condiciona a experiência, por um lado, marcando os ritmos e imprimindo um tom diretamente associado ao objetivo da viagem; por outro, ajudando a conservar a cordura, a ciência de si, estabelecendo a casa no meio do caos, saltando do caos para um começo de ordem no caos.

E não apenas isso: nos usos rituais, é comum a ideia de que a ausência do guia pode ter consequências terríveis e inclusive levar à morte, como vemos em Castaneda:

Perguntei a dom Juan o que ele achava da ideia de dar o fumo a qualquer pessoa que desejasse ter a experiência. Respondeu, indignado, que agir assim seria o mesmo que matá-la, pois ela não teria ninguém para guiá-la. Pedi a dom Juan para explicar o que queria dizer. Falou que eu estava ali, vivo e conversando, porque ele me trouxera de volta. Tinha restaurado meu corpo. Sem ele eu nunca teria acordado (CASTANEDA, 2002, p.180).

---

<sup>3</sup> "Few areas of the globe lack at least one hallucinogen of significance in the culture of the inhabitants." SCHULTES, Richard and HOFFMAN, Albert, *Plants of the Gods*, Rochester: Healing Art Press, 2001 p. 26.

\* Termo rio-platense, originário do campo, que designa uma pessoa conhecedora de determinado território, podendo officiar como guia

Também no texto que analisaremos no seguinte capítulo aparece uma advertência similar, proferida por Chu-Ru, o xamã da Mongólia: "Por eso, y no por otra cosa, estamos realizando este peligroso viaje por el mandala cósmico que en cualquier momento, si me descuido, puede triturarnos" (VIDART, 1998, p. 116).

Outro elemento importante do uso coletivo e tradicional das plantas de poder é o sentido. Há nas civilizações ancestrais uma combinação de respeito e necessidade de propósito em torno da planta, a qual determina que os motivos do seu uso devam estar bem definidos. Este fato é reforçado pelo regulamento de uso, transmitido pela tradição xamânica, que anula a ideia contemporânea da experiência como fim em si mesma.

As palavras da xamã mazateca Maria Sabina, a sábia dos cogumelos, é ilustrativo neste sentido: "A los honguitos se les debe tener respeto [...]. La mujer que los toma no debe tener trato con los hombres. Quienes van a desvelarse no deben tener trato sexual durante cuatro días antes y cuatro días después de la *velada*" (ESTRADA, 2003, p. 36, 40). Abstinência sexual é um requerimento presente em diversas tradições de uso coletivo de enteógenos, assim como restrições alimentares, rituais noturnos, vestimenta, entre outros. Sabina só oficiou como sábia nos anos da sua vida em que não estava casada, e realizou sessões com cogumelos quando algum morador do povoado Huautla de Jiménez solicitava ajuda por motivos de saúde.

Porém, a situação da xamã mudaria drasticamente depois da chegada do estadunidense R.G. Wasson ao povoado. Após encontrar Sabina, Wasson publicou um artigo na revista Time que contribuiria para instalar o México no imaginário dos hippies como a terra prometida da psicodélia. Acostumada a receber vizinhos e vizinhas que chegavam com dores no corpo ou problemas de feitiçaria, Sabina repentinamente se viu abordada por dezenas de jovens cabeludos que queriam "ver deus", eufemismo para a procura de excursões psíquicas como fim em si mesmas.

Foi o começo do fim do ritual pré-hispânico. Por um lado, Sabina sofreu retaliações no povoado, tendo a sua casa queimada mais de uma vez; por outro, ela se tornou uma celebridade no mundo ocidental e Huautla, um destino de turismo psicodélico. As condições do uso ritual de cogumelos tinham sido subvertidas pela falta de sentido: "Antes de Wasson, yo sentía que los *niños santos* me elevaban. Ya no lo siento así. La fuerza ha disminuido. Si Cayetano no hubiera traído a los extranjeros... los *niños santos* conservarían su poder" (ESTRADA, 2003, p. 86).

Desde tempos imemoriais, a sabedoria oral que se transmite de geração em geração apontava o contexto e o sentido do uso de enteógenos como condições fundamentais para uma experiência satisfatória. Entretanto, no ambiente urbano de "uso de drogas" estes preceitos se perdem ou reconfiguram. Mas se trata de fatores ainda vigentes que podem explicar tanto os numerosos problemas do uso urbano (vício, desequilíbrio psicológico, degradação moral) como o fato de que algumas pessoas não consigam sentir o efeito do enteógeno, como é frequente no caso da ayahuasca.

### **Uso individual ou urbano**

Na sociedade sem deus, o indivíduo cria as suas próprias regras ou tem uma variedade de guias idealistas, morais e transcendentais, os quais pode seguir para organizar a sua vida. Nesse ambiente, com a chegada das "drogas" à urbanidade caem as premissas coletivas do uso de enteógenos: função social, guia e sentido podem ser dispensados. Quiroga, por sinal, não alega mais motivos do que sua curiosidade pelos efeitos do enteógeno.

O sociólogo e músico de jazz Howard Becker (2009) deixa bem claras as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que, no século XX, pretendam fumar as flores do cânhamo. No seu livro *Outsiders*, os temas do capítulo 3, "Tornando-se um consumidor de maconha", tratados com a sobriedade do método científico, soam tão óbvios que não parecem sérios: "Aprender a técnica; Aprender a perceber os efeitos; Aprender a gostar dos efeitos". A completa ausência de conhecedores que pudessem orientar as pessoas a respeito destas plantas se combina com o abismo comunicacional e informacional produzido pela proibição. O resultado: pessoas fumam doses insuficientes ou exageradas, não reconhecem quando estão sob o efeito, e instala-se a ideia de que é preciso aprender a sentir prazer a partir do enteógeno: uma verdadeira satisfação substitutiva freudiana. Mal poderia o feiticeiro dom Juan conceber um manual que explica o passo-a-passo de como entrar numa realidade não comum. Substitui-se a presença do *benfeitor*, o guia que mostra o caminho para que o aprendiz o *veja* por si mesmo, estabelecendo uma relação pessoal e única com a planta.

Em Quiroga vemos talvez a possibilidade mais radical do uso individual de enteógenos. O indivíduo é jogado para o caos sem mediações: "Me puse de pie: el corazón latía tumultuosamente, con disparadas súbitas; abrí los brazos, con una angustia de vuelo, una sensación calurosa de dejar la tierra; giraba la cabeza de un lado a otro" (p. 866).

Experiência direta do absolutamente desconhecido. O sujeito se dissolve, o eu e o mundo se fusionam, evocando a afirmação de Freud: "até mesmo o sentimento de nosso próprio ego está sujeito a distúrbios, e as fronteiras do ego não são permanentes" (FREUD, 1930, p. 17). A dose e a potência da substância impactam uma consciência fragilizada que deambula em busca de sentido: "El yo se me escapaba a cada momento [...] Me costaba esfuerzos inauditos entrar en mí. Otro de los tormentos era ver todo con cuádruple intensidad: de igual tamaño, igual luz, pero con cuatro veces más visión" (p. 867). A advertência de dom Juan não foi escutada: Quiroga embarcou na sua viagem psíquica sem um guia, e "nessas condições, nada faz sentido. Está sozinho, sem um guia, vendo coisas assustadoras e sem nexos" (CASTANEDA, 2002, p. 202).

Se a excursão psíquica de Quiroga tivesse sido orientada por um guia, ou bem realizada num contexto coletivo, é provável que ela tivesse sido igualmente terrível. Porém, o guia garante o sentido da experiência, como explicado por Escotado: a viagem "implica empezar temiendo enloquecer para acabar muriendo en vida, y renaciendo purificado del temor a la vida/muerte", e se resolve numa forma de "serenidad beatífica" (ESCOHOTADO, 1998, p. 36).

Sem o guia, abre-se a porta para o terror sem sentido. Isso se explica pelas circunstâncias particulares do experimento, tais como o tamanho da dose, a tensão da ansiedade e os demônios pessoais carregados por Quiroga. O escritor experimenta a morte, mas não passa por um renascimento prazeroso. O retorno se parece mas à saída de uma crise, de um ataque de pânico.

### **Considerações finais: o medo transformador.**

Mas há a transformação. Quiroga sai do centro (eu) e inicia uma experiência periférica pelo desconhecido. Após treze horas, o sujeito consegue voltar e se recompõe. Mas nada será igual: o escritor passa de uma situação de desconhecimento para a obtenção de um conhecimento: a experiência o transforma. De que forma? A força do medo faz com que o absurdo cobre um sentido posterior, que é plasmado num texto-advertência ao leitor. Algo como: "tire o haxixe da cabeça, a coisa não presta". Uma força centrípeta o impulsiona da esfera individual para o coletivo.

É curioso como, mesmo achando que a dose ingerida foi excessiva, o escritor não considera esse fato como uma influência relevante no resultado do experimento. O jovem Quiroga não tem nenhuma informação a respeito da substância: sua origem, precauções,

efeitos prováveis. No entanto, uma tentativa só já é suficiente para se pronunciar contra o haxixe.

Além da relevância do contexto, outro elemento ignorado pelo escritor é o caráter absolutamente subjetivo e pessoal da experiência. Embora no relato não há pretensão de universalidade, o autor estende as sensações da sua viagem pessoal para uma suposta natureza "terrível" do haxixe, cujos animais (sempre externos) o atacam sem trégua.

Contudo, através do texto, Quiroga nos permite entrar em contato com o seu *bad trip* pela janela do horror. Vemos as misérias nuas e cruas do escritor, suas sombras pessoalíssimas que o acompanhariam até o fim da vida. Uma vida repleta de suicídios, doença, loucura e morte. Mesmo atribuindo o horror a uma substância de fora do seu corpo, o jovem Quiroga se expõe sem esconder seus descuidos, atijando uma boemia autodidata. Como ao longo da sua obra, coloca suas visões malditas sobre a mesa e nos convida a devorá-las sem culpa.

Num sentido nietzschiano, a opção de Quiroga por assumir o risco do desconhecido é sinônimo de viver intensamente, pois essa atitude o leva a criar valores. Enfrentar o haxixe faz Quiroga adotar uma postura própria: "Un buen día llegué al haschich, que fue lo grave" (p. 865). Há uma hierarquia da experiência, que habilita o autor a falar com autoridade sobre um assunto que poucos conhecem, porque poucos atravessaram esse caminho em carne própria.

Tal atitude o faz captar uma porção de mundo com as próprias mãos, sem reparar em dogmas morais, sem pedir licença, evitando uma visão monista das coisas e procurando gerar seus próprios valores sobre elas. Ao invés de basear suas decisões num campo finito de possibilidades conhecidas, Quiroga explora o inexplorado. Isso o liberta de descrições prévias do mundo.

Para falar sobre enteógenos, impõe-se a hierarquia da experiência. Isso explica a insistência de Quiroga nestas experiências, e o conhecimento que ele adquire através do corpo. Como um herói de guerra exibindo suas cicatrizes, as trevas experimentadas por causa do haxixe habilitam Quiroga a iluminar com seu conhecimento aqueles que nada sabem sobre essas lides, em particular os "apologistas de ouvido" da substância, ou seja, as pessoas que nunca a provaram mas que só falam coisas boas sobre seus efeitos.

## Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012
- \_\_\_\_\_. *Paraísos Artificiais*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- BECKER, Howard S. *Outsiders, estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Emecé. Buenos Aires, 1974.
- CASTANEDA, Carlos. *A erva do diabo*, Rio de Janeiro: Nova Era, 2002
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: poder e liberdade*. Em Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx. BORON, Atilio. São Paulo: CLACSO, 2006
- DELGADO, José María; BRIGNOLE, Alberto. *Vida y obra de Horacio Quiroga*, Montevideo: Claudio Garcia, 1939.
- DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.
- ESCOHOTADO, Antonio. *Historia general de las drogas*. Madrid: Alianza editorial, 1998.
- ESTRADA, Álvaro, *Vida de María Sabina, la sabia de los hongos*, México: Siglo XXI Editores, 2003
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas, Volumen VI*. Amorrortu editores. Buenos Aires, 1996.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e Céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.
- LEARY, Timothy. *Flashbacks: A Personal and Cultural History of an Era*, Los Angeles: Putnam's Sons, 1983
- OS Doces Bárbaros, Direção e Produção: Jom Tob Azulay, 1976, 1h 40min.
- QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. Edición crítica, Napoleón Baccino Ponce de León y Jorge Lafforgue, coordinadores, 2ª Ed. Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo, Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. p. 865-868.
- NIETZSCHE, Friedrich; *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RANK, Otto. *The Double*. The University of North Carolina Press. North Carolina, 1979.
- ROCCA, Pablo. *Cronología bio/bibliográfica fundamental de Horacio Quiroga*. Instituto Nacional del Libro, 1994.
- VIDART, Daniel. *Coca, cocales y coqueros en América Andina*, Montevidéo: YOE, 1998